

Futebol une Brasil à África do Sul

Mark Williams, goleador da seleção sul-africana, joga no Corinthians

por Maria Cristina Fernandes
de Pretória

Poucas notícias do Brasil interessam tanto ao sul-africano comum quanto a vida paulistana de Mark Frank Williams, 30 anos, recém contratado atacante do Corinthians. Goleador da seleção sul-africana e idolatrado no País como um dos responsáveis pelo título de campeão da copa continental, Mark Williams ocupou um terço do espaço destinado ao Brasil no maior jornal sul-africano, o Sowetan (1,5 milhão de exemplares), em reportagens do enviado especial Mike Tissong, publicadas na véspera da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso.

O título de campeão africano de futebol de 1996, facilitado pela ausência da Nigéria no torneio, foi um dos momentos de maior regozijo popular no país, desde a posse do presidente Nelson Mandela, em maio de 1994. "O futebol se tornou o símbolo popular da nova democracia sul-africana", diz Matshube Mfoloe, repórter de esportes do Sowetan.

A seleção nacional ganhou o nome Zulu de "Bafana Bafana" e os seus jogadores são chamados de "Bafana Bafana boys". O futebol foi o primeiro esporte nacional a quebrar a segregação racial do apartheid. Tradicionalmente dividido entre a liga dos times brancos e a liga dos times negros, o futebol tem em sua seleção nacional três brancos entre seus onze titulares, incluindo o capitão do time, Neil Toney.

O presidente Nelson Mandela,

boxeador na juventude, não demorou a perceber o potencial do esporte como símbolo da conciliação nacional que está tentando promover na África do Sul e tornou-se o torcedor número 1 nos estádios do País.

**Nelson Mandela
tornou-se
o torcedor
número 1
nos estádios
do país**

Estrategista político sofisticado, foi no rugby, modalidade tradicionalmente praticada pelos brancos, que Mandela deu o pontapé inicial como patrono dos esportes nacionais. Assistiu à final da copa mundial de rugby, em 1995, vestido com a camisa número 6 do Springbocks, time que, durante décadas, foi um dos mais orgulhosos símbolos africanos do País. Ao final do jogo, que consagrou o Springbocks como campeão mundial, Mandela foi ao campo entregar o troféu ao capitão François Pienaar e recebeu deste a promessa de que todos os jogadores memorizariam o novo hino da África do Sul.

Em fevereiro deste ano, foi a vez da premiação da seleção nacional de futebol. A imagem de Mandela e seu ainda vice-presidente Frederik William De Klerk, juntos, na entrega do troféu ao capitão da seleção, correu o País. Os jogadores ainda hoje se dizem "inspirados" pelo presidente e exigem sua presença no

campo como amuleto de vitória. "Eles acreditam que o time não perde se Mandela estiver presente", diz Matshube Mfoloe.

A constante presença de Mandela nas decisões da seleção nacional provoca manchetes de jornais à primeira vista incompreensíveis, como "Mandiba apóia Bafana Bafana", numa referência ao nome Xhosa do presidente da República e o apelido Zulu do time.

O empenho político em fazer do esporte o símbolo de reconciliação nacional envolveu até o empresário sul-africano. O mais novo e maior estádio do país, construído entre o centro e Johannesburg e Soweto, leva o nome do seu principal financiador, o First National

Bank, uma das empresas do grupo Anglo-American.

A Coca-Cola patrocina e dá nome a um dos principais torneios do país, que ainda não tem campeonato nacional unificado. Na transmissão pela TV da final da copa Coca-Cola, em que se enfrentaram o Qwa Qwa Stars e o Bush Bucks, a narração dava a dimensão daquilo que se tentava juntar nos 90 minutos daquele jogo. O inglês do principal narrador se mesclava aos comentários em Sotho, língua da região de Transkei, de onde o Bush Bucks é originário, e em Zulu, da província de Kwazulu/Natal, sede do Qwa Qwa Stars. Acabou em vitória de 1 a 0 para o time do Transkei, região natal do presidente da República.